



Florianópolis, v. 10, n.2, jul./dez. 2017.



Universidade Federal de Santa Catarina
 Centro de Ciências da Educação
 PET/PEDAGOGIA
 Núcleo ERER – Educação das Relações Étnico-Raciais



Editorial

Cara leitora e caro leitor,

É com muita alegria que trazemos à cena o segundo número do *Abiodum*, do ano de 2017. O que nos moveu para a escrita deste número foi a realização do III Congresso de Pesquisadores Negros e Negras da Região Sul (COPENE SUL) com a temática “Negras e Negros no sul do Brasil: desenvolvimento, patrimônio e cultura afro-brasileira”, que ocorreu na Universidade Federal de Santa Catarina entre os dias 10 e 13 de julho de 2017. Esse evento movimentou o câmpus universitário Trindade, trazendo mulheres e homens negros (adultos, jovens e crianças) para debaterem sobre outras ações possíveis além daquela imposta por uma visão etnocêntrica e eurocêntrica. Ao escrevermos sobre o evento, já anunciamos o IV COPENE Sul que acontecerá na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Câmpus Jaguarão, e será presidido pela coordenadora local do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI), Giane Vargas Escobar.

Nesta edição, contemplamos, também, uma homenagem à escritora Maria Firmina dos Reis em alusão ao Centenário de sua morte.

Boa leitura!

Conselho Editorial: Débora Cristina Araújo (UFES), Eliane Debus (UFSC), Etelvino Guila (Universidade de Maputo/Moçambique); Joana Célia dos Passos (UFSC) Maria Aparecida Rita Moreira (Rede Estadual de Educação/UFSC); Paulo Vinícius Baptista da Silva (UFPR).

Conselho Executivo: Eliane Debus; Juliana Zimmermann; Shandi Sant’ana; Suelen Amorim; Tatiana Valentin Mina Bernardes; Tatiane Mendes Serafim; Zâmbia Osório dos Santos.

Colaboradoras: Eliane Debus; Juliana Zimmermann; Shandi Sant’ana; Suelen Amorim; Tatiane Mendes Serafim; Zâmbia Osório e Tatiana Valentin Mina Bernardes

Tutora PET/Pedagogia: Eliane Debus

Professora Colaboradora PET/Pedagogia: Maria Herminia Lage Laffin

Revisão Textual: Michela Silva Moreira

Projeto Gráfico e Diagramação: Rita Motta

Impressão: Gráfica e Editora Copiart

Endereço: Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Câmpus Reitor João David Ferreira Lima, s/nº, Trindade, Florianópolis-SC, CEP: 88040-900.

Breve histórico dos Congressos de Pesquisadores(as) Negros(as) da Região Sul do Brasil

Tatiane Mendes Serafim
Bolsista Pet Pedagogia (UFSC)

Eliane Debus
Tutora Pet Pedagogia (UFSC)

O primeiro Congresso de Pesquisadores Negros e Negras (COPENE) foi realizado entre 22 a 25 de novembro de 2000, na Universidade Federal de Pernambuco, e teve como tema o Balanço da produção intelectual Brasileira. Neste evento, tomou-se a decisão de criar a Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN), criada em 2002, a qual é uma associação civil independente, sem fins lucrativos, que visa a consolidar o vínculo entre pesquisadores(as) que tratem, direta ou indiretamente, sobre a questão racial. Tendo por finalidade o ensino, a pesquisa e a extensão acadêmico-científica sobre temas de interesse das populações negras do Brasil. A atual gestão da ABPN 2016-2018 é presidida pela professora Anna Maria Canavarro Benite.

Para ampliar as discussões e fortalecer a ABPN, a partir de 2013 começam a ocorrer os encontros regionais, somando ao nome do congresso (COPENE) o nome da região. Até a presente data já ocorreram três congressos na Região Sul, e é sobre esses encontros que pretendemos deter nosso olhar neste texto.

O I COPENE SUL, com o tema “Lei 10.639 – Dez anos rompendo fronteiras territoriais, identitárias, culturais, sociais, acadêmicas e políticas no âmbito das Relações Étnico-Raciais na Região Sul”, aconteceu em Pelotas/RS, entre 24 e 26 de julho de 2013, e teve como objetivo compartilhar experiências em relação à atuação dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEABs) frente aos desafios da Política de Ações Afirmativas nas Universidades Públicas e relacionados com a implantação da Lei nº 10.639/2003,

diante dos óbices institucionais dos dez anos da Lei, trazendo a necessidade de se promover uma reflexão sobre as escolas públicas de educação básica, bem como sobre as práticas pedagógicas e a formação de professores.

O II COPENE SUL, realizado de 21 a 24 de julho de 2015, em Curitiba/PR, teve como tema “Saberes Negros do Sul do Brasil: Pensamento Afro-brasileiro; Pensamento Africano e da Diáspora”. Seu objetivo foi promover o intercâmbio científico e tecnológico de pesquisadores(as) negros(as) e da temática negra da Região Sul do Brasil, com pesquisadores(as) de referência nacionais e internacionais e com os detentores de conhecimentos tradicionais e movimentos sociais.

O III COPENE SUL, realizado entre 10 a 13 de julho de 2017, teve como sede a Universidade Federal de Santa Catarina, localizada no município de Florianópolis/SC, e trouxe como tema “Negras e Negros no sul do Brasil: desenvolvimento, patrimônio e cultura afro-brasileira”. Como o percentual da população preta em Santa Catarina não passa de 20%, por ser um estado de maioria branca, a presença da população negra para o desenvolvimento dessa região e do país tem sido desconsiderada. É nesse contexto que negras e negros resistem. A tenacidade da população negra se encontra nas religiões de matriz africana, em escolas de samba, dança e literatura que atuam como espaço de conhecimento e expressam a disseminação da cultura do povo que sofre a diáspora e o preconceito racial.

Dessa forma, o III COPENE SUL foi organizado objetivando propiciar a divulgação da produção científica, tecnológica e cultural sobre desenvolvimento, patrimônio e cultura afro-brasileira, incentivar a inovação e a geração de conhecimentos e a troca entre pesquisadores(as) e estudantes de ensino

médio, graduação, pós-graduação e movimentos antirracistas do Brasil, bem como promover um espaço de socialização e atuação política.

⊙ Referências

Associação Brasileira de Pesquisadores Negros. 2017. Disponível em: <<https://www.abpn.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 19 set. 2017.

JORNAL DA USP. Música, dança e ancestralidade: estratégias da resistência negra - Disponível em: <<http://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/musica-danca-e-ancestralidade-estrategias-da-resistencia-negra/>> Acesso em: 27 set. 2017.

I COPENE SUL. 2013. Disponível em: <<http://social.ucpel.edu.br/copenesul/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SECRETARIA DE COMBATE AO RACISMO/CUT. População Negra no Brasil. Disponível em: <https://cut.org.br/system/uploads/action_file_version/1fcd516c53da22deae03e41c795da50/file/dados-20-20-20-20-20-20populacao-20negra-20no-20brasil-20-20populacao.pdf>. Acesso em: 27 set. 2017.

II COPENE SUL. 2015. Disponível em: <<http://2copenesulcuritiba.blogspot.com.br/p/blog-page.html>>. Acesso em: 20 set. 2017.

III COPENE SUL. 2017. Disponível em: <<http://copenesul.com.br/apresentacao/>> Acesso em: 20 set. 2017.

Organização do III Copene Sul

Tatiana Valentin Mina Bernardes
Mestranda PPGE/UFSC

Zâmbia Osório dos Santos
Mestranda PPGE/UFSC

A comissão organizadora – constituída pelas professoras Joana Célia dos Passos, Eliane Debus, ambas da UFSC, e pelo professor Paulino de Jesus Cardoso, da UDESC – contou com 27 membros na comissão executiva e 30 membros na comissão científica. O III COPENE SUL foi realizado durante três dias e teve êxito em sua proposta agregando diferentes discursos sobre o patrimônio cultural. O evento se efetivou por meio de conferências, mesas-redondas, 19 eixos temáticos, lançamento de livros, apresentações culturais, mostra cultural Negras Vozes e feira de afroempreendedores. Dentro do tema proposto para o evento, a conferência de abertura foi realizada com o professor Doutor Kabengele Munanga (UFRB), tendo o título de “Patrimônio cultural e identidade afro-brasileira e africana”; as mesas e debates versaram sobre os seguintes

temas: arte e cultura afro-brasileira; movimentos negros, quilombolas e as interações com o espaço da universidade; racismo e política de saúde para a população negra; filosofia africana e cultura afro-brasileira; população negra, desenvolvimento e afroempreendedorismo; as ações afirmativas: pensando balanços e projeções; a educação e as Relações Étnico-Raciais; e, claro, as juventudes negras, cultura e participação política.

A efetivação dos eixos temáticos se constituiu em 19 Grupos de Trabalhos (GTs): 1) Literatura e demais produtos culturais para infância e juventude e a diversidade étnico-racial; 2) Arte e culturas afro-brasileiras e africanas; 3) Intelectualidades negras; 4) Questões urbanas e população negra; 5) Corpo, gênero, sexualidades e interseccionalidades; 6) Feminismos negros; 7) Religiosidades e identidades negras; 8) Ações afirmativas no ensino superior e protagonismo; 9) Quilombolas, direitos e políticas públicas; 10) Educação, relações étnico-raciais e infâncias negras; 11) Educação, relações étnico-raciais e juventudes negras; 12) Negros(as), ciências exatas e tecnológicas; 13) Memória e patrimônio negro no Sul do Brasil; 14) Psicologia, racismo e branquitude; 15) História da África e da Diáspora, 16) Mídia e negritude; 17) Saúde da população negra; 18) Pretas e Pretos nas encruzilhadas da

Antropologia; 19) Filosofia africana e o pensamento da afrodíaspóra.

Nos eixos temáticos *Literatura e demais produtos culturais para infância e juventude e a diversidade Étnico-Racial*, foram discutidos os estudos que sobre as produções para crianças e jovens; *Arte e culturas afro-brasileiras e africanas* trouxe à tona pesquisas articuladas à arte e cultura afro-brasileira e africana com as expressões de resistência aos processos de escravização e colonização dos povos africanos; *Intelectualidade Negras* debateu a respeito da trajetória dos intelectuais negros(as) no pós-abolição com a análise de suas produções em jornais, revistas, livros e discursos; *Questões urbanas e populações negra* discutiu pesquisas e estudos de diferentes áreas do conhecimento sobre a população negra no espaço urbano no Sul do Brasil; *Corpo, gênero, sexualidades e Interseccionalidades* centrou-se em debates referentes à interseccionalidade entre os marcadores sociais de gênero, corpo, sexualidade, raça e classe na atuação da produção das desigualdades e enfrentamento sociais; *Feminismos negros* discutiu sobre as experiências de mulheres negras na diáspora para a compreensão destes discursos, *Religiosidade e identidades negras* debateu sobre a temática das religiões de matriz africana e afro-brasileira no contexto nacional e internacional de forma multidisciplinar; *Ações afirmativas no ensino superior e protagonismo* trouxe discussões sobre as políticas neste campo no seu processo histórico de organização e mobilização social, o protagonismo do movimento social negro, neste espaço de disputa; *Quilombolas, direitos e políticas públicas* discutiu sobre a historicidade e contemporaneidade dos quilombos no Brasil nas conformações territoriais (urbanas e rurais) e as políticas de regulação fundiária; *Educação, relações étnico-raciais e infâncias negras*, proporcionou o debate das pesquisas acadêmicas com a articulação das ações práticas realizadas em diferentes contextos.

Destacaram-se, ainda, os seguintes eixos: *Educação, relações étnico-raciais e juventude negra* discutiu as aproximações das interlocuções entre repertórios teóricos e recortes

temáticos voltados para estudos sobre juventudes negras, com ênfase em culturas, identidades, participação política, sexualidades, tecnologias, sociabilidades, processo educativos escolares e não escolares; *Negros(as), ciências exatas e tecnologias* abordou sobre a participação e o legado de negras e negros no campo das Ciências Exatas e Tecnológicas; *Memórias e patrimônio negro no Sul do Brasil* debateu as temáticas que envolvem cultura, memória, história e patrimônio das populações negras no Brasil; *Psicologia, racismo e branquitude* articulou discussões entre pesquisadores das relações raciais e psicólogos; *Histórias da África e da Diáspora* trouxe discussões referentes aos estudos das sociedades africanas e diaspóricas do passado e do presente; *Mídia e negritude* debateu sobre as pesquisas de produtos, processos e fenômenos comunicacionais e midiáticos, relacionados à negritude, racismo, antirracismos e o direito à informação e a produção desta nas culturas contemporâneas e históricas; *Saúde da população negra* discutiu sobre as políticas públicas voltadas à saúde da população negra, *Pretas e Pretos nas encruzilhadas da Antropologia* discutiu as experiências acerca das vivências das pretas e dos pretos na antropologia; e *Filosofia africana e o pensamento da afrodíaspóra* debateu as contribuições da Filosofia Africana no pensamento, tendo em vista a encarnação e a atualização da ancestralidade africana no mundo, bem como o fato de suas contribuições serem invisibilizadas pelo pensamento ocidental colonial.



III COPENE SUL

Negras e negros no Sul do Brasil
Desenvolvimento, Patrimônio e Cultura Afro-brasileira

Figura 1 – Logo III COPENE SUL

Fonte: www.copenesul.com.br

O III Copene Sul consolidou-se como uma das etapas regionais com maior número de participantes. Devido ao seu caráter interdisciplinar, agregou pesquisadores(as) e profissionais – do Ensino Superior e da Educação Básica – de diversos ramos das Ciências Humanas e Sociais, Ciências da Natureza e Ciências da Tecnologia,

além de contar com a presença de estudantes do Ensino Médio.

☉ Referências

IIICOPENESUL. 2017. Disponível em: <<http://copenesul.com.br/eixos-tematicos>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

Atividades artísticas do III Copene

Suelen Amorim

Shandi Sant'ana

Bolsistas Pet Pedagogia (UFSC)

Eliane Debus

Tutora Pet Pedagogia (UFSC)

Em sua terceira edição, o COPENE SUL contou com atrações artísticas especiais que compuseram belamente o evento, trazendo alegria e um momento de confraternização entre os participantes.

Em 10 de julho 2017, o primeiro dia de evento, na parte externa do Centro de cultura e Eventos, da UFSC, os convidados foram acolhidos pela **Cores de Aidê** – banda foi criada em 2015, protagonizada por mulheres, e que, em seus arranjos, suas coreografias e letras de músicas, mostra a força da cultura afro-brasileira. Na parte interna, já no auditório Garapuvu, foi realizado um ritual de religiões de matriz africana. O povo de santo abençoou a cerimônia, defumando o ambiente e cantando para os orixás, também como forma de homenagem à Mãe Beata de Iemanjá, militante do movimento negro que faleceu recentemente. Para finalizar, subiu ao palco e animou todo o público a velha guarda da Escola de Samba Embaixada **Copa Lord** que recordou alguns de seus sambas enredos e não deixou ninguém parado.

No dia 11 de julho, apresentou-se o rapper Negro Rhudy, trazendo o cenário do hip-hop e do rap nacional. Com suas músicas, inspirou poesia e protesto. Esse músico traz, em suas composições, a crítica social vivenciada dentro de sua comunidade, o bairro Monte Cristo conhecido como o Berço do Rap em Santa Catarina. Nesse dia, também houve a exibição do documentário sobre a deputada Antonieta de Barros, importante símbolo de luta e resistência na região de Florianópolis.

No Hall do local do evento, no dia 12 de julho, aconteceu o **lançamento de livros**. Foi um momento de confraternização e compartilhamento de saberes, em que escritores e pesquisadores da temática negra dividiam com os participantes seus estudos e simpatia. O lançamento foi acompanhado pelos músicos **Marcelo da Silva** e **Verônica Kimura**.

No dia 13 de julho, dando início às atividades culturais, apresentou-se o **Duo Ebó Brasileiro**, que é formado por Lisa Macedo (flauta transversal e vocal) e Hilton Pinheiro (vocal, violão e percussão). Ambos são pesquisadores que enfocam os Terreiros e as estéticas e sociabilidades presentes nestes; além disso, atuam vinculados ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde participam do Observatório de Cultura Afro-brasileira em Santa Catarina. Apresentou-se, também, a artista **Dandara Manoela**, que animou e emocionou a todos os presentes com seu talento e musicalidade.

O III COPENE SUL foi encerrado com a apresentação de Eloisa Gonzaga com o grupo **Afrolatinô**. Deve-se mencionar que, durante o evento, o artista visual **Décio David** trouxe sua

arte com a exposição “Cantos e Batuques de uma Florianópolis Negra”, a qual aconteceu no hall do Centro de Eventos da UFSC.

⊙ O Espaço Erê: quando as crianças se fizeram presentes no Copene Sul



Figura 2 – O Espaço Erê
Fonte: acervo das autoras.

A III edição do Copene Sul contou com o Espaço Erê, destinado às crianças, promovendo ações que envolviam atividades culturais, oficinas e muita diversão para os pequenos. Este espaço possuía como finalidade proporcionar atividades lúdicas e pedagógicas para as crianças que estivessem acompanhando os adultos/responsáveis que participavam do evento, ou seja, oferecer às crianças um espaço seguro, divertido e confortável.

As ações e a construção do espaço foram desenvolvidas e organizadas pelas estudantes de graduação em Pedagogia da UFSC Milena Batista Bráz e Suelen Amorim Ferreira. O local também contou com a presença dos monitores

e convidados. Todas as práticas tiveram como núcleo temático o pertencimento étnico-racial e a representatividade negra positivada, acolhendo crianças de cinco a 12 anos.

As atividades Espaço Erê consistiam em:

- Contação de histórias e exposição de livros de temática Africana e afro-brasileira.
- Oficina de Capoeira (Mestre Jô)
- Visita ao Museu MARQUE e à Sala Verde (UFSC).

Por desenvolver atividades lúdicas e pedagógicas que envolviam adultos e crianças, o espaço foi um dos sucessos desta edição.

⊙ Referências

Página pessoal do artista Eloiza Gonzaga. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eloisa.gonzaga.1>>. Acesso em: 19 set. 2017.

Página pessoal do artista Negro Rudhy. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/rudhyarmazen/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 19 set. 2017.

PERFIL do Facebook do II Copene Sul. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/copenesulsc>>. Acesso em: 19 set. 2017.

III COPENE SUL. 2017. Disponível em: <<http://copenesul.com.br>>. Acesso em: 18 set. 2017.

CORES DE AIDÊ. 2017. Disponível em: <<http://coresdaide.com.br/sobre-a-banda>>. Acesso em: 20 set. 2017.

Entrevista com a professora Joana Célia dos Passos

Juliana Zimmermann
Bolsista PET/Pedagogia na UFSC

Abiodum: O III COPENE Sul, que ocorreu de 10 a 13 de julho de 2017, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, teve como tema “Negras e negros do sul do Brasil: desenvolvimento, patrimônio e cultura afro-brasileira”. De que forma essa escolha contribui para



a sociedade em que vivemos? Como se deu a escolha do tema e qual o seu objetivo?

Joana: A escolha do tema se deve ao objetivo de visibilizar o patrimônio e a cultura afro-brasileira numa região que pouco reconhece esse grupo étnico-racial. O tema foi discutido em reuniões organizativas.

Abiodum: Qual a importância de promover um evento como o COPENE, que reúne pesquisadores negros?

Joana: O COPENE é um congresso que reúne pesquisadores(as) negros(as) e pesquisadores(as) que têm as relações raciais como foco, e realizá-lo em Santa Catarina é uma experiência única. Um estado que se orgulha de ser o mais branco da nação brasileira, por três dias reúne estudiosos(as) que são referências quando a discussão são as relações raciais. Na maioria das vezes estamos diluídos em eventos, buscando brechas para pautar as questões raciais. No COPENE, é o inverso: todo o evento é voltado para discutir os temas de interesse da população negra.

Abiodum: O evento contou com nove mesas que tematizaram temas como cultura afro-brasileira, arte, racismo, juventude e raça negra. Diga-nos como foi organizar e sistematizar as escolhas para as mesas, as expectativas e os resultados dessa organização.

Joana: Os temas das mesas foram propostos a partir de demandas da região. Na discussão da juventude negra, por exemplo, fizemos uma mesa composta por jovens negras, para que suas questões fossem pautadas. As mesas atenderam às expectativas que tivemos ao propô-las.

Abiodum: O evento contou com várias atividades culturais e a constituição de espaços diversificados de exposição e ações que privilegiaram as crianças, como o "Espaço Erê. Qual a avaliação que foi feita pelos organizadores sobre a importância ou não desses espaços?

Joana: O Espaço Erê foi a possibilidade de que as pessoas responsáveis por crianças e que se inscreveram no evento pudessem deixar as crianças pequenas em segurança e com atividades planejadas para elas. Tivemos, também, a feira de afroempreendedores cuja intenção foi possibilitar a divulgação da produção comercial e artesanal. Investimos nas atividades culturais por compreendermos que as diferentes linguagens artísticas integram o patrimônio afro-brasileiro.

Abiodum: Durante o III COPENE Sul, ocorreram 20 apresentações de trabalhos (grupos) na categoria comunicação e pôster. Como você avalia a adesão do público às apresentações de trabalhos?

Joana: Foram apresentados 186 trabalhos nas categorias comunicação oral e pôsteres, e a participação do público foi muito significativa, o que mostra uma grande adesão. O evento, nos seus quatro dias, recebeu o número de 508 inscritos(as), sendo que, destes, 281 tiveram gratuidades: 64 estudantes do Ensino Médio; 100 professores da Educação Básica; 29 organizações do movimento negro (nove do Paraná, dez do Rio Grande do sul e dez de Santa Catarina); 54 monitores(as); 29 membros da coordenação executiva e cinco crianças.

Abiodum: O evento recebeu um parecer da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) que avaliou o mérito, mas o desqualificou por ter "representantes de uma só raça". Qual a repercussão dessa decisão, e como é avaliada pelos organizadores do III COPENE SUL?

Joana: O racismo está sempre nos dizendo qual o lugar que podemos ocupar. Onde nos é permitido estar. A atitude racista da FAPESC faz o mesmo ao explicitar uma compreensão sobre pesquisa e pesquisadores(as). Esse caso teve grande repercussão entre os(as) pesquisadores(as) negros(as) e brancos(as); repercutiu na mídia local e nacional.

Abiodum: Durante o III Copene Sul, o reitor da UFSC, Luiz a Carlos Cancellier Olivo, firmou o compromisso da universidade para a criação da cátedra de combate ao racismo e de igualdade racial. Segundo ele, a cátedra vai congrega os(as) pesquisadores(as) e pensadores(as) negros (as) e as pessoas comprometidas com a igualdade racial e combate ao racismo. Como você avalia o gesto de criação da cátedra e a sua importância dentro do contexto do evento e das relações étnico-raciais?

Joana: A criação da cátedra no contexto do III COPENE representa o reconhecimento e a importância das questões raciais como campo de estudo mas também do que temos construído na UFSC sobre essa temática. Além disso, hoje a Cátedra de combate ao racismo e de igualdade racial é parte do legado deixado pelo professor Cancellier.

Abiodum: Quais outros aspectos a professora gostaria de falar sobre o evento?

Joana: Quero destacar a avaliação positiva que tivemos dos(as) participantes e o anúncio da criação de uma cátedra de combate ao racismo e de promoção da igualdade racial na UFSC.

O centenário de Maria Firmina Reis, primeira romancista do Brasil

Zâmbia Osório dos Santos
Mestranda PPGE/UFSC

Neste mês de novembro, completa 100 anos do falecimento, da primeira romancista brasileira, Maria Firmina dos Reis. Ela nasceu na ilha de São Luís, capital da então província do Maranhão, em 11 de outubro do ano de 1825 e faleceu em 11 de novembro de 1917.

Publicou *Úrsula*, em 1859, com o pseudônimo de “Uma Maranhense”. Esse romance abolicionista, ficcional, leva o nome da personagem *Úrsula*; mas, conforme se nota, no tratamento dado aos personagens negros e negros, às mulheres e à escravidão, percebemos que as preocupações centrais no romance são outras, para além da história de amor entre *Úrsula* e o Bacharel Tancredo.

Maria Firmina dos Reis era professora concursada para a “Cadeira de Instrução Primária” na então comarca de Guimarães, no interior do Maranhão, e responsável pela fundação da primeira escola mista, para meninos e meninas, no Maranhão. Ao longo de sua vida escreveu crônicas, poesias e ficção.

No jornal *A Moderação*, do dia 11 de agosto de 1860, podemos ler a seguinte notícia:

ÚRSULA – Acha-se à venda na Tipografia do progresso, este romance original brasileiro, produção da Exma. Sra. Da. Maria Firmina dos Reis, professora pública em Guimarães. Saudamos a nossa comprovinciana pelo seu ensaio que revela de sua parte bastante ilustração; e, com mais vagar emitiremos a nossa opinião, que desde já afiançamos não será desfavorável á nossa distinta comprovinciana.

Trazemos aqui um trecho do conto *A Escrava*, disponível no Literafro – Portal da Literatura Afro-brasileira, coordenado pelo Professor Doutor Eduardo de Assis Duarte – que possui dados biográficos, fontes de consulta, alguns textos e críticas de mais de 120 escritoras e escritores afro-brasileiros.

Gabriel! disse ela – não. Eu mesma. Ainda posso falar. E começou: – Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas eu de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava. Eram casados e desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente à minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas; mas, ainda assim, redobrando o trabalho, consegui um fundo de reserva em meu benefício. Um dia apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se – tinha eu cinco anos – e disse: A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansado. Custou a ir à cidade; quando foi, demorou-se algumas semanas, e quando chegou entregou a meu pai uma folha de papel escrita, dizendo-lhe: – Toma, e guarda, com cuidado, é a carta de liberdade de Joana. Meu pai não sabia ler; de agradecido beijou as mãos daquela fera. Abraçou-me, chorou de alegria, e guardou a suposta carta de liberdade. Então furtivamente eu comecei a aprender a ler, com um escravo mulato, e a viver com alguma liberdade. Isto durou dois anos. Meu pai morreu de repente, e no dia imediato meu senhor disse a minha mãe: – Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia. Minha mãe, surpresa, e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra. Nunca a meu pai passou pela ideia, que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas, minha mãe à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler, àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando. Sobreveio-lhe febre ardente, delírios, e três dias depois estava com Deus. Fiquei só no mundo, entregue ao rigor do cativoiro.

Referências

HEMEROTECA DIGITAL. 2017. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 10 out. 2017.

PORTAL LITERAFRO. 2017. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro>>. Acesso em: 10 out. 2017.